

MOSCA-DOS-CHIFRES COMPORTAMENTO E DANOS EM BOVINOS NELORE

Ivo Bianchin¹

A mosca-dos-chifres é um problema recente, tendo aparecido na maioria dos Estados brasileiros em 1991, e portanto, existe a necessidade de se estudar a epidemiologia e os danos que esta causa nas diferentes regiões fisiográficas do Brasil. Devido a inexistência de trabalhos científicos nacionais, a equipe de pesquisa do CNPGC-EMBRAPA, tem sugerido um controle tentativo e racional, com base em literatura estrangeira. No entanto, para estabelecer a real importância desta mosca e as melhores maneiras de combatê-la, deve-se ter dados próprios sobre sua epidemiologia e danos causados por ela, em diversas regiões do País.

Devido à inexistência de trabalhos sobre epidemiologia e danos da mosca-dos-chifres, em nosso País, foi realizado este experimento em quatro anos consecutivos (1991-1995). A cada ano, um rebanho de 120 vacas Nelore, com bezerro ao pé, foi dividido equitativamente em dois grupos, levando-se em consideração as idades e os pesos das vacas e as idades dos bezerros. Durante a estação de monta (novembro a fevereiro) foram mantidos três touros, testados andrologicamente, em cada grupo. Em um dos grupos aplicou-se inseticidas, com intervalos que variavam com o princípio ativo utilizado, em cada vaca e touro. Os dois grupos foram mantidos em piquetes separados, formados de **Brachiaria decumbens**, rotacionados a cada 14 dias, com uma taxa de lotação de 1 UA/ha. As contagens da mosca nas vacas, presas no tronco, foram realizadas a cada 14 dias, em um lado do animal e o resultado multiplicado por dois. As vacas foram pesadas a cada dois meses e os bezerros somente na desmama (6 a 9 meses de idade), quando foi realizado o diagnóstico de gestação. Os dados dos pesos das vacas e dos bezerros foram submetidos à análise estatística utilizando-se o teste "t" (Student's t) ao nível de $P=0,10$. Observou-se que a infestação nas vacas nunca ultrapassou a média de 80

moscas/animal, em todos os anos experimentais e, a média, durante todo o período experimental, foi de 44, 20, 31 e 24 moscas/vaca, respectivamente para os primeiro, segundo, terceiro e quarto anos. O período experimental corresponde à época chuvosa na qual as condições são mais propícias para o desenvolvimento da mosca-dos-chifres. A infestação observada foi baixa quando se leva em consideração os valores verificados em outros países. Três fatores, no entanto, poderiam explicar esta diferença:

- raças bovinas envolvidas nos diferentes experimentos;
- presença de inimigos naturais, tais como o besouro africano **Onthophagus gazella**, o qual foi introduzido na região há cerca de cinco anos;
- quantidade acumulada e ou diária de precipitação pluviométrica que antecede cada contagem da mosca. A infestação de moscas nos animais apresentou uma distribuição não-normal. A grande maioria das vacas apresentava poucas moscas enquanto umas poucas tinham maior quantidade. O nível de infestação por moscas apresenta uma relação com o animal, assim, vacas com maior número de moscas no início foram aquelas com maior número durante todo o período experimental. Relações semelhantes foram observadas para números intermediários e baixos.

Observa-se na Tabela 1, uma diferença não significativa ($P>0,10$), no ganho de peso a favor das vacas com inseticida, de 7, 1, 2 e 3kg respectivamente para os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos; da mesma forma que a favor dos bezerros de vacas tratadas com inseticida, 3, 2, 1 e 2kg, respectivamente, nos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. A percentagem de prenhez foi maior nas vacas tratadas com inseticidas, 5, 16, 26 e 12%, respectivamente, para os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos.

TABELA 1 - Ganho médio de peso e percentagem de prenhez nas vacas com (CI) e sem (SI) inseticida, e os pesos médios ao desmame dos bezerros nestes grupos. Número de vacas e bezerros = 60 por grupo em cada ano experimental: ano 1 (nov/91 a abr/92), ano 2 (dez/92 a jun/93), ano 3 (nov/93 a maio/94) e ano 4 (nov/94 a maio/95).

Ano	Grupo	Vacas			Bezerro (kg)
		Ganho (kg)	Prenhez (%)		
			Lote	Diferença	
1	CI	74	63	5	168
	SI	67	60		165
2	CI	67	60	16	165
	SI	7	70		133
3	CI	7	70	26	133
	SI	14	40		124
4	CI	39	83	12	152
	SI	36	73		150

Levando-se em consideração que o número de moscas é pequeno e não provocou diferenças significativas nos ganhos de peso das vacas, fato observado também em machos castrados, a diferença no índice de prenhez pode ser devida ao estresse dos touros que sempre apresentaram altas infestações pela mosca (acima de 500).

Os dados obtidos até o momento demonstram que na região dos cerrados de Mato Grosso do Sul, em termos de ganho de peso dos animais a mosca causa pouco prejuízo e, que o possível problema que esta causaria, é bem menor do que se esperava. No entanto, deve-se ter cautela, porque o número de mosca-dos-chifres encontrado nos animais é pequeno e, além dos três fatores citados acima, acrescenta-se que os produtores estão combatendo a mosca com inseticidas em grande intensidade, o que deve estar contribuindo para diminuição do número. Mas, sabe-se que o controle químico desta mosca não durará para sempre e, em alguns anos, a exemplo de outros países a resistência se estabelecerá (já

existe indícios de que esta mosca está menos sensível aos produtos químicos no Brasil) e neste caso o número de moscas tenderá a aumentar. Outro fator que aumentará o número de moscas nos cerrados é a introdução cada vez maior de animais de origem européia, sabidamente mais sensível à mosca-dos-chifres.

O besouro africano foi introduzido praticamente em todos os Estados do Brasil e tal feito se deve a colaboração dos órgãos de pesquisa (federais e estaduais), sindicatos rurais e iniciativa privada. No Mato Grosso do Sul este besouro encontra-se amplamente estabelecido com exceção do Pantanal considerado baixo, no qual as condições ambientais parecem ser desfavoráveis ao seu desenvolvimento.

O besouro tem mostrado boa adaptabilidade as condições brasileiras, aparecendo em maior número durante o período chuvoso e quente. Levando-se em consideração o grande número de besouros já liberados em diferentes estados brasileiros e o alto poder de multiplicação deste besouro, a criação em laboratório, para posterior liberação já não é tão necessária.

Concluindo ressalta-se a necessidade de estudos, em diferentes regiões do País, para que se possa conhecer a epidemiologia e os danos que a mosca-dos-chifres causa e com isso propor métodos de controles integrados que sejam eficientes e econômicos. Deve-se frisar que, se não existissem os inimigos naturais que impedem o desenvolvimento desta mosca nas fezes dos animais, o número de moscas seria insuportável. É interessante lembrar que a quase totalidade dos inseticidas existentes no mercado agem nas fezes eliminando, por exemplo, os besouros. Por isso, deve-se usar o mínimo de inseticida nos animais, diminuindo a contaminação da carne e leite, e preservando o meio ambiente.